

INTERVENÇÃO EM GRUPO PARA ENSINO DE PRÁTICAS PARENTAIS A
MÃES DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO¹

GROUP INTERVENTION TO TEACH PARENTING SKILLS TO MOTHERS OF
CHILDREN WITH BEHAVIORAL PROBLEMS

ALEX EDUARDO GALLO,² LEONARDO CHEFFER,³ AMANDA OLIVEIRA DE MORAIS,
GEYSA MACHADO CASCARDO, ARIADNE CRISTINA SUZUKI DE LIMA E ANGÉLICA CUBAS DUARTE
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

RESUMO

O presente estudo avaliou os efeitos de um programa de intervenção com o objetivo de ensinar práticas parentais a oito mães de crianças com queixa clínica de problemas de comportamento. O programa é uma replicação de estudo anterior, consistindo de 10 sessões de intervenção para avaliar adesão e resultados em população diferente. Foram utilizados *Child Behavior Checklist* (CBCL), entrevista com as mães e Inventário de Estilos Parentais (IEP). Vários temas foram trabalhados, como o estabelecimento de limites, regras e análise funcional dos comportamentos inadequados dos filhos. Os dados foram comparados com o estudo anterior no qual foram baseados, que consistiu em seis sessões com os mesmos temas, acrescidos de dois instrumentos de avaliação (Inventário de Depressão e Escala de Autoestima), e foi conduzido com mães de adolescentes infratores. Das oito participantes, somente três terminaram o programa, indicando baixa adesão. Os resultados indicaram diminuição nos problemas de relacionamento com os filhos (pré-teste médio no CBCL de 76,8 e pós-teste de 66,3; pontuação média pré-teste no IEP de -1,57 e pós-teste de 5,33). Esses resultados são próximos aos encontrados anteriormente (pré-teste médio no CBCL de 67,4 e pós-teste de 52,2; pontuação média pré-teste no IEP de -21 e pós-teste de -11,5).

Palavras-chave: práticas parentais, intervenção em grupo, problemas de comportamento.

ABSTRACT

The present study evaluated the effects of an intervention program to teach parenting skills to eight mothers of children with behavioral problems. The program is a replication of a previous study, comprising ten intervention sessions to assess adherence and effects in different population. We used the Child Behavior Checklist (CBCL), interview with mothers, and Parenting Skills Inventory (IEP). Several subjects were assessed as limits establishment, rules and functional analysis of inadequate children behaviors. Data were compared to earlier study that this one was based, that had six sessions with same subjects, plus two evaluation instruments (Depression Inventory and Self-Esteem Scale) and applied to young offenders' mothers. Among the eight participants, only three finished the program, indicating low adherence. Results indicated decrease on problems dealing with children (average 76.8 on CBCL pretest and 66.3 on posttest; average -1.57 on IEP pretest and 5.33 on posttest). Results are close to those found previously (pretest of 67.4 on CBCL and posttest of 52.2; -21 on IEP pretest and -11.5 on posttest).

Keywords: parenting skills, group intervention, behavior problems.

Padovani e Williams (2005) avaliaram um programa de intervenção, baseado na promoção de habilidades de resolução de problemas, com quatro adolescentes em conflito com a lei. O programa consistiu em 10 sessões, nas

quais foram ensinados, além das técnicas de resolução de problemas, relaxamento, análise de pensamentos disfuncionais, análise do comportamento impulsivo/agressivo, treino de controle de raiva, treino de assertividade e

¹ Este estudo teve apoio da Fundação Araucária, Convênio nº 233/2010. Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Rod. Celso Garcia Cid, km 380 (Caixa postal 6001). Londrina/PR. CEP: 86055-900. Tel.: (43) 3371-4227.

² Laboratório de Análise e Prevenção da Violência/Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: aedgallo@uel.br

³ Mestrado em Análise do Comportamento.

time-out. Os resultados mostraram que todos os participantes passaram a não apresentar sintomas depressivos, e dois deles diminuíram os índices de raiva.

Leschied, Andrews e Hoge (1993) apontam que intervenções baseadas em um referencial teórico cognitivo-comportamental têm apresentado melhores resultados na diminuição das práticas de atos infracionais, comparado com outras abordagens. Os programas de intervenção que usaram somente aconselhamento não foram efetivos. Aqueles que usaram treinamento de habilidades interpessoais tiveram melhores resultados (Ziegler, Taussig, & Black, 1992).

Gallo e Williams (2010) apontam que a intervenção deveria ensinar estratégias de resolução de problemas e habilidades sociais aos adolescentes, o que refletiria na maneira pela qual os jovens enfrentariam seus conflitos (Bender & Losel, 1997; Padovani & Williams, 2005). Além disso, Armstrong, Wilkis e Melville (2003a) assinalam que muito tem sido escrito sobre pais como fonte de influência nos comportamentos desviantes dos jovens, embora pouco tenha sido relatado sobre as dificuldades que pais de adolescentes considerados delinquentes sofrem, sendo os pais os principais agentes de promoção de condições para que os jovens desenvolvam estratégias de resolução de problemas.

Armstrong *et al.* (2003a, 2003b) apontam que a terapia familiar tem sido ineficaz em induzir mudança comportamental em jovens que apresentam comportamentos agressivos, enquanto programas de treino de pais, utilizando intervenções baseadas na família desenvolvidas para ensinar estabelecimento de limites, têm mostrado ser mais efetivos.

O programa desenvolvido por Armstrong *et al.* (2003a, 2003b) tem como característica fundamental um processo de grupo, com o objetivo de fortalecer a habilidade parental de criar limites apropriados, em vez de condenar ou rejeitar a criança. O processo é desenvolvido para auxiliar os pais a discriminar fatores que tornam difícil o estabelecimento de limites.

Foram encontrados poucos estudos no Brasil sobre intervenção com pais de adolescentes com problemas de comportamento. Para tanto, foram consultadas as bases de dados do Scielo, Periódicos Capes e PsychInfo. As pesquisas concernentes a essa problemática ainda são em pequeno número e integram de maneira modesta a produção científica internacional (Bazon & Estevão, 2004).

Ormeño (2004) avaliou um programa de intervenção com crianças pré-escolares agressivas, dirigidos a pais e professores, com o intuito de reduzir o nível de agressividade das crianças. A autora lidou diretamente com as crianças, em suas casas e nas escolas, reforçando positivamente os comportamentos adequados e ignorando os inadequados. Como resultado, as crianças reduziram o nível de agressividade diante da pesquisadora, mas essa redução não foi generalizada para outros contextos.

Gallo e Williams (2010) fizeram um estudo avaliando um programa de ensino de habilidades parentais a mães de adolescentes em conflito com a lei. Os autores propuseram o estudo com base em resultados de estudos anteriores, que apontaram que a maioria dos adolescentes em conflito com a lei não frequentava a escola. Esse fato foi associado ao número crescente de reincidências em medida socioeducativas, ao uso de entorpecentes

e ao uso de armas (Gallo & Williams, 2008). O baixo nível educacional foi associado ao alto grau de severidade da infração (Gallo & Williams, 2005); os adolescentes com nível educacional mais alto viviam com ambos os pais, enquanto aqueles com menor escolaridade viviam somente com a mãe. Intervenção diretamente com as mães é útil, uma vez que o fato de a família ser monoparental chefiada por mulher pode ser um fator de risco para a severidade da infração (Gallo & Williams, 2005).

O presente estudo teve como objetivo avaliar os efeitos de um programa para ensino de habilidades parentais a mães de crianças e adolescentes com problemas de comportamento, com base na replicação do trabalho de Gallo e Williams (2010), que avaliou um programa de ensino de habilidades parentais a mães de adolescentes em conflito com a lei. No estudo original (Gallo & Williams, 2010), os autores apontaram que as mães aprenderam práticas parentais e consequentemente reduziram conflitos com os filhos, embora houvesse baixa adesão. Esses autores sugeriram que novos estudos fossem conduzidos, com um número maior de sessões e com populações diferentes, a fim de identificar possíveis resultados em termos de aquisição de habilidades parentais, redução de conflitos com os filhos e aumentar a adesão. A partir dessas sugestões, o presente estudo buscou avaliar os efeitos da intervenção em uma população diferente (mães de crianças e adolescentes com problemas de comportamento), embora com queixas semelhantes (relacionadas com agressividade e comportamentos disruptivos), usando um número maior de sessões, com atividades e objetivos semelhantes aos do estudo original.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo oito mães de crianças e adolescentes com problemas de comportamento. As participantes foram recrutadas na clínica-escola da universidade na qual o estudo foi conduzido e passaram por procedimento de triagem nessa clínica-escola, sendo convidadas a participar por contato telefônico. Todas procuraram a clínica-escola com queixa de problemas de comportamento dos filhos e buscavam atendimento para as crianças. Vinte e três mães foram triadas, mas somente 17 aceitaram participar; contudo, apenas oito compareceram às sessões de intervenção. Aquelas que não aceitaram participar do estudo continuaram na fila de espera da clínica-escola, para serem atendidas por outros profissionais e estagiários, de acordo com a capacidade da clínica. No primeiro encontro, foram explicados os objetivos do estudo e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Apenas três mães terminaram o programa de intervenção em sua íntegra.

Local

As sessões foram conduzidas, na clínica-escola da universidade, em uma sala reservada. Com o objetivo de reduzir a evasão, ocorriam das 19h às 21h, sendo oferecido um lanche, composto por café, refrigerantes, bolachas, bolos e salgados, em todas as sessões.

Instrumento de coleta de dados

O *Child Behavior Checklist* (Achenbach, 1991; Bordin, Mari, & Caeiro, 1995) é um questionário que avalia a competência social e os problemas de comportamento em

crianças e adolescentes com base em informações fornecidas pelos pais. É composto de 138 itens, sendo 20 destinados à avaliação da competência social e 118 relativos à avaliação de seus problemas de comportamento. Os escores indicam as categorias “não clínica” (até 67 pontos), “limítrofe” (de 67 a 70 pontos) e “clínica” (acima de 70 pontos).

Roteiro de entrevista. A entrevista, elaborada pelos autores, foi composta por 45 questões que abordam assuntos como: histórico de violência doméstica, disciplina utilizada com os filhos, impressão que os pais têm dos amigos dos filhos, monitoramento das atividades dos filhos e informações sobre a dinâmica familiar.

Inventário de estilos parentais (Gomide, 2007). Questionário composto por 42 questões, que correspondem às sete práticas educativas, sendo duas positivas e cinco negativas (monitoria positiva; comportamento moral; punição inconsistente; negligência; disciplina relaxada; monitoria negativa; abuso físico). Para cada prática educativa há seis questões,

distribuídas espaçadamente ao longo do inventário. O resultado é dado pela diferença entre o total das duas categorias (positiva e negativa).

Procedimento

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi realizada a entrevista, individualmente, com as participantes em horários de sua conveniência, previamente agendados. A entrevista teve duração aproximada de 20 minutos e foi realizada na instituição, em horário regular de atividades, em uma sala reservada. Após as entrevistas, foi aplicado o *Child Behavior Checklist* e, depois, o Inventário de Estilos Parentais.

Após essa avaliação, foi introduzido o programa de intervenção composto por 10 sessões em grupo. Finalmente, foi feita uma sessão para coleta de dados pós-intervenção.

A Tabela 1 apresenta uma síntese comparativa entre as participantes, os instrumentos e o procedimento do estudo de Gallo e Williams (2010) e os do presente trabalho.

Tabela 1

Dados das participantes, instrumentos de coleta de dados e procedimento nos dois estudos

	Gallo e Williams (2010)	Presente estudo
Participantes	Dez mães de adolescentes em conflito com a lei, selecionadas por indicação de uma instituição responsável pelo atendimento dos filhos	Oito mães de crianças e adolescentes com problemas de comportamento, recrutadas na clínica-escola da universidade
Instrumentos	<i>Child Behavior Checklist</i> (CBCL) Roteiro de entrevista Inventário de Estilos Parentais Escala de Autoestima de Rosenberg Inventário de Depressão de Beck	<i>Child Behavior Checklist</i> (CBCL) Roteiro de entrevista Inventário de Estilos Parentais
Procedimento	Realização da entrevista, aplicação do CBCL, Inventário de Depressão, Escala de Autoestima, Inventário de Estilos Parentais Sessões 1, 2, 3, 4, 5 e 6 Aplicação dos mesmos instrumentos anteriores	Realização da entrevista, Aplicação do CBCL, Inventário de Estilos Parentais Sessões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 Aplicação dos mesmos instrumentos anteriores

Programa de intervenção

O programa foi desenvolvido por Gallo e Williams (2010) com base no modelo de intervenção com famílias de adolescentes em conflito com a lei desenvolvido por Armstrong *et al.* (2003a, 2003b). O programa de intervenção teve as características de grupo terapêutico, no qual as participantes poderiam discutir e refletir sobre sua história de vida, e envolveu treinamento das seguintes habilidades: combate ao estresse, estilos parentais, estabelecimento de limites e uso de disciplina não coercitiva. Cada sessão tinha duração média de uma hora e meia. As sessões foram conduzidas em grupo com todas as participantes.

As participantes do estudo de Gallo e Williams (2010) eram mães de adolescentes em conflito com a lei. Os resultados dessa intervenção mostraram que as mães aprenderam habilidades parentais, porém esses autores indagaram se as sessões elaboradas seriam igualmente eficazes para ensinar essas habilidades a outra população. Dessa forma, o presente trabalho avaliou a aprendizagem de habilidades parentais em mães de crianças e adolescentes com problemas de comportamento, sendo uma característica comum aos adolescentes em conflito com a lei, exceto pelo fato de não terem praticado um ato infracional. Assim, buscou-se uma amostra diferente, com características comuns, o que permitiria a comparação. Também se optou pela redução do número de instrumentos utilizados para as medidas de pré e pós-teste, pois Gallo e Williams (2010) avaliaram os efeitos da intervenção na aquisição de habilidades parentais e se esse repertório alteraria os conflitos que elas teriam com seus filhos, assim como os indicadores de autoestima e depres-

são. Optou-se em avaliar somente a aquisição de habilidades parentais e se isso refletiria na redução de conflitos com os filhos, excluindo as demais medidas, pois as participantes não relataram queixas na triagem.

A Tabela 2 apresenta um sumário das sessões de intervenção nos dois estudos.

Segue uma breve descrição de cada sessão do programa de intervenção. Os temas propostos nas sessões foram baseados nas informações prestadas pelas participantes durante a entrevista inicial, isto é, os temas foram baseados em situações reais vivenciadas pelas participantes. Gallo e Williams (2010) conduziram seis sessões de intervenção e, em função da baixa adesão, questionaram se um número maior de sessões poderia reduzir a resistência das participantes, aumentando, assim, a adesão, e também se um número maior de sessões poderia produzir resultados melhores. Dessa forma, decidiu-se por ampliar para 10 sessões, mantendo a mesma sequência de atividades, utilizando dois encontros para trabalhar os temas que foram conduzidos em um único no estudo anterior.

A primeira sessão teve como objetivo identificar situações que podem provocar estresse, ensinando as mães como controlar essa reação. Em grupo, foi discutido como reconhecer sinais de estresse, as dificuldades em se identificar o estresse, pois geralmente tal fenômeno é apenas visto como “cansaço”, e, por fim, como combater o estresse. O grupo era incentivado a dar sugestões e dicas úteis a todos os membros. Após essa discussão, foram debatidas as situações pessoais de cada participante que poderiam gerar estresse. Foi enfatizada a participação do grupo em apontar situações e as maneiras de resolvê-las. Ao final, foi ensinada às participantes a técnica

Tabela 2
Resumo das sessões de intervenção nos dois estudos

Sessão	Gallo e Williams (2010)	Presente estudo
1	Tema: Combater o estresse Atividade: Leitura de breve texto sobre estresse; discussão em grupo sobre identificação de sinais de estresse e sobre sugestões e dicas pessoais para combate do estresse; e relaxamento	Tema: Combater o estresse Atividade: Leitura de breve texto sobre estresse; discussão em grupo sobre identificação de sinais de estresse e sobre sugestões e dicas pessoais para combate do estresse; e relaxamento
2	Tema: Práticas parentais e violência doméstica Atividade: Leitura de breve tabela sobre práticas parentais; discussão em grupo sobre práticas positivas e negativas e sobre exemplos pessoais; leitura de folheto sobre ajuda em casos de violência doméstica; e discussão sobre formas de violência doméstica e sobre como se proteger	Tema: Práticas parentais e violência doméstica Atividade: Leitura de breve tabela sobre práticas parentais; discussão em grupo sobre práticas positivas e negativas e sobre exemplos pessoais; leitura de folheto sobre ajuda em casos de violência doméstica; e discussão sobre formas de violência doméstica e sobre como se proteger
3	Tema: Analisar contingências Atividade: Leitura do material sobre contingência; discussão em grupo sobre os conceitos; e identificação dos conceitos em suas práticas	Tema: Analisar contingências Atividade: Leitura do material sobre contingência; discussão em grupo sobre os conceitos; e identificação dos conceitos em suas práticas
4	Tema: Estabelecer limites para os filhos Atividade: Leitura do material; discussão em grupo sobre limites e práticas parentais inadequadas	Tema: Estabelecer limites para os filhos Atividade: Leitura do material; discussão em grupo sobre limites e práticas parentais inadequadas
5	Tema: Uso da disciplina Atividade: Leitura do material; discussão em grupo sobre práticas parentais adequadas	Tema: Estabelecer limites para os filhos Atividade: Discussão em grupo sobre limites e práticas parentais adequadas
6	Tema: Rever os conceitos Atividade: Leitura do material; discussão em grupo sobre exemplos de práticas parentais adequadas	Tema: Uso da disciplina Atividade: Leitura do material; discussão em grupo sobre práticas parentais adequadas
7		Tema: Uso da disciplina Atividade: discussão em grupo sobre práticas parentais inadequadas
8		Tema: Uso da disciplina Atividade: Discussão em grupo sobre estratégias empregadas pelas mães durante o programa de intervenção
9		Tema: Rever os conceitos Atividade: Leitura do material; discussão em grupo sobre exemplos de práticas parentais adequadas
10		Tema: Rever os conceitos Atividade: Discussão em grupo sobre experiências e exemplos de estratégias empregadas

de relaxamento muscular progressivo (Jacobson, 1964), enfatizando que o relaxamento poderia ser utilizado a qualquer hora, com o objetivo de manter a calma e evitar reações agressivas. Uma cópia do roteiro de relaxamento foi entregue a cada participante.

A segunda sessão teve como objetivo analisar as práticas parentais e a ocorrência de violência doméstica. A sessão teve início com a entrega do material “Prática educativa parental” que discutia as práticas positivas e negativas, com ilustração. O grupo era incentivado a dar exemplos de práticas positivas e negativas e como esses exemplos se aplicavam a suas próprias práticas. Em seguida, foi feita uma discussão sobre violência doméstica, levantando os seguintes pontos para discussão: quais as formas de violência que podem ocorrer em casa; quem ou o que pode ser alvo da violência em casa. As participantes eram instruídas a sugerir formas de violência (física, sexual, psicológica, entre outras) e apontar possíveis alvos (elas mesmas, os filhos, animais de estimação, objetos da casa, objetos pessoais etc.). Ao final da sessão, foram fornecidas informações de locais nos quais as vítimas de violência doméstica pudessem procurar ajuda. As participantes eram incentivadas a sugerir outras fontes de apoio que conhecessem, assim como dicas pertinentes ao tema.

A terceira sessão teve como objetivo ensinar as mães a analisar as contingências que poderiam manter os comportamentos inadequados dos filhos. Para tanto, a sessão teve início com o material “Meu filho se comporta mal, por quê?”, **ilustrado para fundamentar a discussão**. O material é como uma história em quadrinhos, e era esperado que as participantes fizessem perguntas e discutis-

sem a relação apontada entre as figuras. Após a discussão, o material intitulado “A anatomia de uma birra” foi utilizado para explicar os conceitos de estímulos antecedentes, resposta e consequência. Era solicitado que as participantes observassem os quadros A, B e C da figura, que apresentavam a relação entre antecedente e consequência, e identificassem semelhanças entre os comportamentos que elas observavam em suas casas. Em seguida, foi utilizado o material “Recompensas” para explicar o conceito de reforço. O exercício “Como eu reajo” foi utilizado em seguida, para exemplificar a análise funcional. Era solicitado que as mães ligassem com uma linha os círculos apresentados, à medida que ia sendo discutido. Esperava-se que as mães pudessem utilizar esse conhecimento para analisar o que controla seus comportamentos e o que controla os comportamentos agressivos dos filhos em casa.

A quarta sessão teve como objetivo ensinar a importância dos limites. A sessão teve início com o material “Limite e sua importância” para subsidiar a discussão. Em seguida, foram utilizados os materiais ilustrados “Pais que não prestam atenção”, “Pais que ficam no blá-blá-blá” e “Pais que agredem seus filhos”.

A quinta sessão, no estudo de Gallo e Williams (2010), teve como objetivo discutir o uso da disciplina. A sessão teve início com o material “Como estabelecer limites”, com dicas para ajudar na discussão do grupo. Em seguida, foi utilizado o material ilustrado “Exemplo dos pais” para fundamentar a discussão. Os materiais “Estabelecer regras em acordo”, “Regras razoáveis” e “Pais de acordo” foram utilizados para exemplificar situações de estabelecimento de regras e limites, que podem ajudar o grupo nas dis-

cussões. No presente estudo, a quinta sessão foi continuação da anterior, em que as mães discutiram as maneiras como elas estabeleciam limites em casa. Cada participante foi incentivada a relatar o que fazia e as demais discutiam, apontando estratégias mais eficazes com base em suas experiências. A função do coordenador do grupo era incentivar as participantes a propor estratégias a partir do que foi abordado na sessão anterior.

A sexta sessão, para Gallo e Williams (2010), teve como objetivo rever os conceitos discutidos. A sessão teve início com o material “Exemplo de castigo”, seguido por “Exemplo de diálogo” e “Exemplo de recompensas” para ilustrar situações adequadas. No presente trabalho, a sessão teve como objetivo discutir o uso da disciplina, tendo início com o material “Como estabelecer limites”, com dicas para ajudar na discussão do grupo. Em seguida, foi utilizado o material ilustrado “Exemplo dos pais” para fundamentar a discussão. Os materiais “Estabelecer regras em acordo”, “Regras razoáveis” e “Pais de acordo” foram utilizados para exemplificar situações de estabelecimento de regras e limites, que podem ajudar o grupo nas discussões.

A sétima sessão foi continuação da anterior, em que as participantes discutiam o estabelecimento de regras com base em suas experiências. Foram utilizados os materiais da sessão anterior para ilustrar possíveis estratégias que as mães poderiam usar quando do estabelecimento de regras.

A oitava sessão foi continuação da anterior, na qual as mães relatavam suas tentativas de estabelecimento de regras e limites, com base no que fora discutido, e havia *feedback* do grupo. As tentativas bem-sucedidas eram

elogiadas e serviam como modelo para as demais; as que não obtiveram resultados esperados eram revistas e novas estratégias eram sugeridas.

A nona sessão teve como objetivo rever os conceitos discutidos. A sessão teve início com o material “Exemplo de castigo”, seguido por “Exemplo de diálogo” e “Exemplo de recompensas” para ilustrar situações adequadas.

A décima sessão era continuação da anterior, na qual as participantes discutiam suas experiências e aproveitamento do programa. Ao final, houve uma confraternização com bolo e refrigerantes.

Delineamento experimental

Foi utilizado um delineamento do tipo AB (Cozby, 2003). Esse delineamento consiste em uma medida de pré-teste, antes da aplicação do procedimento, e em uma medida de pós-teste, ao final do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização das participantes

As idades das participantes, no estudo de Gallo e Williams (2010), variaram de 35 a 47 anos, sendo a média de 40 anos (desvio-padrão de 4,189). Em relação à etnia das participantes, cinco eram negras, quatro eram brancas e uma, oriental. A maioria das participantes (70%) tinha o ensino básico (até a 4ª série de escolaridade). No presente estudo, a idade das participantes variou de 32 a 50 anos, sendo a média de 40 anos (desvio-padrão de 6,094). Duas se declararam pardas, uma negra e as demais, brancas. As participantes tinham nível educacional mais alto em relação ao estudo de Gallo e Williams (2010): duas tinham nível superior e uma, especialização.

No estudo de Gallo e Williams (2010), quando foi perguntado se os filhos das participantes já haviam sido considerados agressivos na escola, 80% responderam que sim. No presente estudo, essa porcentagem foi de 62,5%. Esse dado deixa claro que os problemas que os adolescentes apresentam quando se envolvem em atos infracionais têm seu início muito antes, na idade escolar (Loeber & Stouthamer-Loeber, 1998; Patterson, DeBaryshe, & Ramsey, 1989; Patterson, Reid, & Dishion, 1992; Patterson & Yoeger, 2003).

Adesão

Das 10 participantes que iniciaram o programa de intervenção, no estudo de Gallo e Williams (2010), somente quatro o concluíram. No presente estudo, oito mães começaram, e três concluíram as sessões programadas.

No estudo de Gallo e Williams (2010), na terceira sessão, uma mãe (I) faltou, não retornando nas sessões subsequentes. Na quarta sessão, duas mães (D e G) não compareceram, também não retornando nas sessões seguintes. Na quinta sessão, a participante A não compareceu e não retornou na sessão seguinte. Na última sessão, as mães B e E não compareceram e não retornaram para a avaliação final. Todas essas participantes foram contatadas via telefone e disseram não terem mais disponibilidade para continuar no programa. Foi questionada a razão dessa falta de disponibilidade e as participantes relataram falta de tempo. O mesmo argumento foi utilizado pelas mães no presente estudo. A participante LU deixou o grupo na quarta sessão, quando foi abordado estabelecimento de limites. A mãe EL abandonou na segunda sessão (práticas parentais e violência doméstica); a mãe MO, na quinta

(estabelecimento de limites); a participante CR, na terceira (análise de contingências); KE deixou de participar na quarta sessão (estabelecimento de limites); e a participante CI frequentou somente o primeiro encontro (estresse).

A baixa adesão, no estudo de Gallo e Williams (2010), poderia ter sido fruto de diversos fatores. As mães dos adolescentes em conflito com a lei sofreram o impacto de diversos estressores e apresentaram sinais de depressão e desamparo. Possivelmente, o programa de intervenção não atendeu às necessidades das mães que abandonaram o estudo. Adicionalmente, o fato de serem mulheres e o pesquisador ser homem pode ter contribuído para a baixa adesão. Um programa de intervenção com dois líderes, sendo um homem e uma mulher, talvez pudesse facilitar a adesão e a modelação de papéis masculinos e femininos cooperativos e não coercitivos. Além disso, há a possibilidade de resistência. Resistência é um fenômeno comum e decorre da possibilidade da exposição a contingências aversivas, como, por exemplo, punição pela revelação de determinados relatos (Conte & Brandão, 2001). Essa resistência pode ser inferida pelo tema abordado na última sessão, da qual as mães que desistiram participaram. Os temas, como ocorrência de violência doméstica, uso inadequado de disciplina e análise de contingências, podem ter demonstrado a essas mães que elas estavam agindo de forma inadequada.

Para contornar os problemas enfrentados por Gallo e Williams (2010), no presente estudo participou de cada sessão um grupo de terapeutas, composto por um homem e duas mulheres, assim como dois observadores, que tinham a função de registrar as discussões e

auxiliar na condução das sessões. As participantes não eram mães de adolescentes em conflito com a lei, mas de crianças e adolescentes com relatos de problemas de comportamento, como agressividade. Não é possível afirmar que tais mães sofressem um impacto menor de diversos estressores, mas seus filhos estavam em situação mais favorável do que os jovens do estudo de Gallo e Williams (2010), embora apresentassem características comuns, como agressividade em casa e na escola e comportamentos disruptivos em diversos contextos. Como foi apontado por Gallo e Williams (2010), a resistência também pode ter ocorrido no presente estudo, inferida pelo tema abordado na última sessão de que participaram.

No trabalho de Armstrong *et al.* (2003a, 2003b), os participantes assinavam um Termo de Compromisso que indicava que os pais deveriam participar das seis primeiras sessões (os autores apontam que seis sessões seriam o mínimo para se obter algum resultado) e poderiam desistir após o sexto encontro. Devido aos problemas encontrados, que atrasaram o início da intervenção de Gallo e Williams (2010), esta acabou ficando reduzida ao mínimo sugerido por Armstrong *et al.* (2003a, 2003b). Possivelmente, um programa de intervenção com mais sessões resultaria em mudanças mais acentuadas do que as obtidas.

Além disso, outras hipóteses podem ser alinhadas para explicar a baixa adesão. A intervenção, no estudo de Gallo e Williams (2010), demorou a ter início (foram cinco sessões de avaliação de linha de base), o que poderia ter desmotivado as participantes. Possivelmente, o programa não foi suficientemente abrangente para todas as participan-

tes. Levando-se em consideração os fatores apontados por Gallo e Williams (2010), o presente estudo aumentou o número de sessões de seis para 10, na tentativa de que fosse abrangente para todas as participantes. As sessões para avaliação de linha de base e final foram reduzidas. As medidas de linha de base foram tomadas antes do início do estudo, quando as participantes foram selecionadas, e as medidas de avaliação final foram feitas em uma única sessão, mais longa (três horas).

Indicadores de bem-estar psicossocial

No estudo de Gallo e Williams (2010), os mesmos instrumentos utilizados antes da intervenção foram novamente aplicados, individualmente, em horário previamente agendado com as participantes. No presente estudo, foram utilizados menos instrumentos, que foram aplicados antes da primeira sessão e ao final da última sessão. Em razão do número diferente de instrumentos, são apresentados os dados obtidos em medidas similares, o que permite comparações.

A Figura 1 apresenta os escores atribuídos pelas participantes antes e depois da intervenção (pré e pós-teste) no *Child Behavior Checklist*.

No estudo de Gallo e Williams (2010), quatro mães continuaram até o final da intervenção, produzindo uma classificação não clínica para problemas de comportamento de seus filhos. Todas as mães que terminaram o programa apresentaram melhora significativa na avaliação de problemas de comportamento de seus filhos. A média antes da intervenção foi de 67,4, e a média depois da intervenção foi de 52,25. No presente estudo, a redução dos indicadores de problemas de comportamento não foi expressiva, como

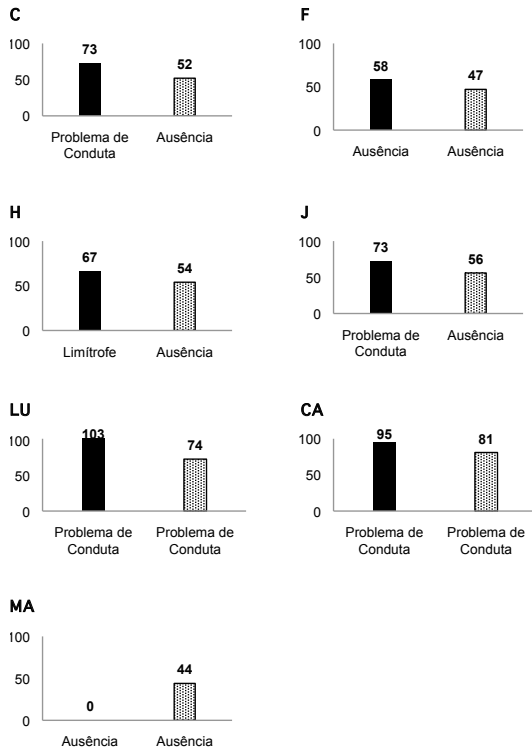


Figura 1. Escores atribuídos por cada participante a seus filhos no *Child Behavior Checklist* antes (barras escuras) e depois da intervenção (barras hachuradas) (Gallo).

no estudo anterior (duas participantes indicaram que os filhos ainda apresentavam escores limítrofes e clínicos para problemas de comportamento). A média inicial foi de 76,8, e a final foi de 66,3.

A Figura 2 apresenta os escores obtidos pelas participantes antes e depois da intervenção (pré e pós-teste) no Inventário de Estilos Parentais. O escore nesse instrumento é calculado segundo a fórmula $(A + B) - (C + D + E + F + G)$, na qual A significa monitoria positiva, B representa comportamento moral, C refere-se a punição inconsistente, D significa negligência, E representa disciplina relaxada, F refere-se a monitoria negativa e G significa abuso físico. Como o escore é calculado subtraindo-se o total de práticas negati-

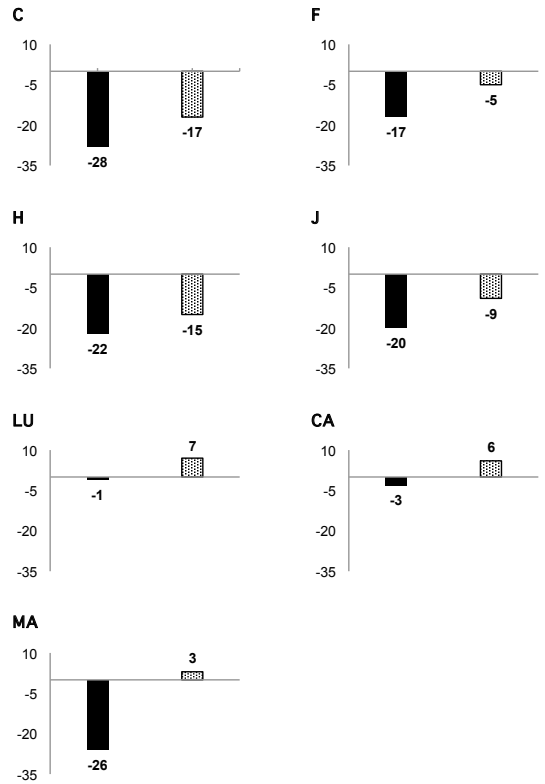


Figura 2. Escores obtidos por cada participante no Inventário de Estilos Parentais antes (barras escuras) e depois da intervenção (barras hachuradas) (Gallo).

vas do total de práticas positivas, o resultado pode ser um valor negativo quando as práticas negativas ocorrem com mais frequência do que as positivas.

No estudo de Gallo e Williams (2010), o índice de estilo parental médio obtido antes da intervenção foi de -21. O índice de estilo parental médio obtido depois da intervenção foi de -11,5. Nota-se que três das quatro participantes obtiveram uma diminuição dos índices inadequados de aproximadamente 11 pontos em seus índices de estilo parental. A participante H foi a que obteve a menor diferença após a intervenção (sete pontos). No presente estudo, o índice médio inicial foi de

-1,57 e, ao final da intervenção, essa medida foi de 5,33.

A Figura 3 apresenta os índices obtidos por cada participante nas diferentes categorias.

No estudo de Gallo e Williams (2010), as categorias que apresentaram maior pon-

tução foram: disciplina relaxada, seguida por monitoria negativa e depois por negligência. Nota-se que essas categorias estão condizentes com estudos anteriores, que apontam que pais de adolescentes em conflito com a lei utilizam uma disciplina inconsistente com

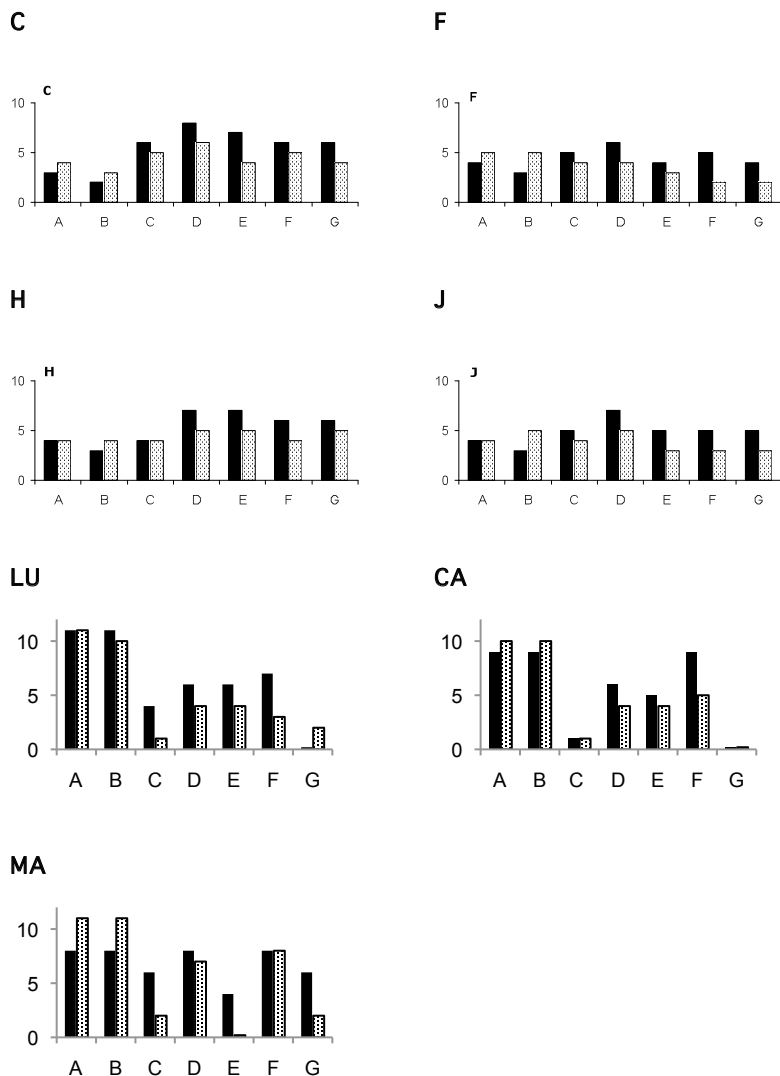


Figura 3. Escores obtidos por cada participante nas diferentes categorias do Inventário de Estilos Parentais, antes (barras escuras) e depois da intervenção (barras hachuradas). Legenda: A = monitoria positiva; B = comportamento moral; C = punição inconsistente; D = negligência; E = disciplina relaxada; F = monitoria negativa; e G = abuso físico (Gallo).

seus filhos (Armstrong & *et al.*, 2003a, 2003b; Berri, 2004; Jaffe, Baker, & Cunningham, 2004; Schrepferman & Snyder, 2002). No presente estudo, as mães apresentaram bons índices de monitoria positiva e de comportamento moral, e, dentre as variáveis negativas, a negligência e a monitoria negativa foram as que tiveram maior pontuação.

Gallo e Williams (2010) apontaram que, antes da intervenção, as participantes apresentaram escores abaixo de cinco nas categorias positivas (A e B) e acima de cinco nas categorias negativas (C, D, E, F e G). Após a intervenção, as participantes obtiveram aumento nos escores das categorias positivas e diminuição nas categorias negativas. Entretanto, verifica-se que o aumento nas categorias positivas foi pequeno (um ponto), enquanto o decréscimo nas categorias negativas foi mais acentuado. No presente estudo, não foi observada a mesma relação, ou seja, as participantes já apresentavam indicadores positivos. Talvez o programa tenha propiciado que as mães reconhecessem suas práticas inadequadas, mas tenha sido pouco efetivo em ensinar práticas adequadas. Talvez o uso de outras técnicas, como *video-feedback* (Rios & Williams, 2008), fosse mais procedente.

CONCLUSÕES

Nos dois estudos, as mães participaram ativamente das tarefas propostas durante a intervenção. No estudo de Gallo e Williams (2010), o escore médio antes da intervenção no *Child Behavior Checklist* foi de 67,4, o que representa uma classificação clínica para problemas de comportamento, e, após a intervenção, esse escore médio foi reduzido para 52,25, o que representa ausência clínica

de problemas de comportamento. Esse dado pode indicar que as participantes tenham passado a lidar de forma mais eficiente com seus filhos, refletindo nos comportamentos dos adolescentes. O mesmo pode ser visto por meio do Inventário de Estilos Parentais. Antes da intervenção, o índice de estilo parental médio foi de -21 e, ao término do programa, esse índice foi elevado para -11,5, o que indica que as mães relataram que passaram a usar mais práticas educativas positivas e menos negativas. É possível que as participantes passassem a ver os filhos de outra forma, valorizando mais os comportamentos adequados que eles apresentavam. A intervenção não foi suficiente para alterar o pêndulo para práticas positivas. Isso só seria possivelmente viável em projetos mais abrangentes e de longa duração. Pesquisas futuras com recursos metodológicos mais sofisticados poderiam dar suporte a essas hipóteses.

No presente estudo, o escore médio antes da intervenção no *Child Behavior Checklist* foi de 76,8, o que representa uma classificação clínica para problemas de comportamento, e, após a intervenção, esse escore médio foi reduzido para 66,3, o que ainda representa uma classificação clínica. Apesar desses dados, antes da intervenção, o índice médio no Inventário de Estilos Parentais foi de -1,57 e, ao término do programa, esse índice foi elevado para 5,33, o que indica que as mães passaram a usar mais práticas positivas. A intervenção não foi suficiente para reduzir problemas de comportamento, apesar de as mães apresentarem bons indicadores de práticas parentais.

No estudo de Gallo e Williams (2010), a maioria das participantes (80%) respondeu

que seus filhos já foram considerados agressivos na escola, apresentando problemas desde a infância, mas nunca encontraram ajuda para esses problemas. Considerando esse dado, optou-se por propor o programa de intervenção a mães que tinham queixa dos filhos sendo agressivos, como uma tentativa de prevenção da prática infracional.

Fica evidente, nos dois estudos, a falta de recursos para pais que enfrentam problemas com seus filhos. Soma-se a isso a falta de recursos públicos e a falta de profissionais preparados para enfrentar os desafios de promover o desenvolvimento de crianças de risco e prevenir problemas mais graves.

O contexto terapêutico e o papel do terapeuta relevam-se como aspectos centrais para a explicação, ao participante, das contingências atuantes em seu contexto de vida pessoal e social (Conte & Brandão, 2001), também conforme afirmam Armstrong *et al.* (2003a):

Os pais precisam expressar seu luto por muitas perdas dolorosas: a perda do amor e respeito dos filhos, perda de suas esperanças e aspirações quanto ao futuro dos filhos, perda da confiança e intimidade com seus filhos, perda do filho idealizado, perda do senso de si mesmo como pais bem-sucedidos e a perda da imagem pública positiva. Assim como há raiva de terem sido abandonados, abusados e rejeitados pelos seus próprios filhos. (Armstrong *et al.*, 2003a, p. 25)

No presente estudo, algumas mães relataram não ter disponibilidade para comparecer a todas as sessões, porque não tinham com quem deixar os filhos, o que poderia ter contribuído para a baixa adesão. Uma proposta que poderia resolver essa condição seria a criação de um espaço para acolher os filhos

enquanto as mães estivessem participando das sessões.

Também é possível considerar que algumas mães podem ter deixado de participar das sessões por já acreditarem que haviam resolvido o problema. Uma vez que foi ensinado como analisar as contingências que pudessem manter os comportamentos inadequados das crianças, é possível que as mães entendessem que saber como fazer isso já seria suficiente para manejar comportamentos indesejáveis. Sugere-se que avaliações contínuas sejam feitas, em relação à satisfação das participantes em cada sessão do programa, assim como o quanto os comportamentos delas e dos filhos mudaram ao longo da intervenção. Uma proposta para isso seria a elaboração de um diário, no qual as mães relatariam o que aconteceu dia a dia, como os filhos se comportaram e como elas reagiram. Assim, seria possível identificar a eficácia das sessões, além de manter as participantes envolvidas ativamente no programa.

REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the child behavior checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington: University of Vermont.
- Armstrong, H. A., Wilkis, C., & Melville, C. (2003a). Clinical factors in group psychotherapy for parents of adolescents with disruptive behaviour disorders. *Journal of Adolescent Mental Health*, 15(1), 21-30.
- Armstrong, H. A., Wilkis, C., & Melville, C. (2003b). Evaluation of the parent group experience: What helps and what hinders. *Journal of Adolescent Mental Health*, 15(1), 31-37.
- Bazon, M. R., & Estevão, R. (2004). A conduta delitosa na adolescência: introdução à produção da

- criminologia de abordagem desenvolvimentista. *Anais da XXXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia*, CD-Rom.
- Bender, D., & Losel, F. (1997). Protective and risk of peer relations and social support on antisocial behavior in adolescents from multi-problem milieus. *Journal of Adolescence*, 20, 661-678.
- Berri, G. C. (2004). *Programa de intervenção em práticas parentais para mães de adolescentes em conflito com a lei* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Infância e da Adolescência, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PA, Brasil.
- Bordin, I. A. S., Mari, J. J., & Caeiro, M. F. (1995). Validação da versão brasileira do *child behavior checklist* (CBCL) (Inventário de comportamentos da infância e adolescência): dados preliminares. *Revista ABP-APAL*, 17(2), 55-66.
- Conte, F. C. S., & Brandão, M. Z. S. (2001). Psicoterapia funcional-analítica: o potencial de análise da relação terapêutica no tratamento de transtornos de ansiedade e de personalidade. In B. Range (Org.). *Psicoterapias cognitivo-comportamentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Gallo, A. E. (2011). Lei da palmada: ponto de vista. *Jornal de Londrina*. Recuperado em 27 dezembro, 2011, de <http://www.jornaldelondrina.com.br/online/conteudo.phtml?id=1207117>
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. A. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1), 81-95.
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 41-59.
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. A. (2010). Ensino de habilidades parentais a mães de adolescentes em conflito com a lei. In L. C. A. Williams, J. M. D. Maia, & K. S. A. Rios (Org.). *Aspectos psicológicos da violência: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental* (pp. 407-427). Santo André: ESETec.
- Gomide, P. I. C. (2007). *Inventário de estilos parentais*. Petrópolis: Vozes.
- Jacobson, E. (1964). *Anxiety and tension control: A physiologic approach*. Philadelphia: Lippincott.
- Jaffé, P. G., Baker, L. L., & Cunningham, A. J. (2004). *Protecting children from domestic violence: Strategies for community intervention*. New York: The Guilford Press.
- Leschied, A. W., Andrews, D. A., & Hoge, R. D. (1993). *A review of Ontario young offenders: Programs and literature that supports effective intervention*. Recuperado de www.lfcc.on.ca/risk1.htm
- Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (1998). Development of juvenile aggression and violence: Some common misconceptions and controversies. *American Psychologist*, 53(2), 242-259.
- Ormeño, G. I. R. (2004). *Intervenção com crianças pré-escolares agressivas: suporte à escola e à família em ambiente natural* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, Brasil.
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2005). Proposta de intervenção com adolescentes em conflito com a lei: um estudo de caso. *Interação*, 9(1), 117-123.
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44(2). Recuperado de www.scielo.org
- Patterson, G. R., Reid, J. B., & Dishion, T. J. (1992). *Antisocial boys*. Eugene, OR: Castalia Publishing Company.
- Patterson, G. R., & Yoeger, K. (2003). A developmental model for early-and late-onset delinquency. In J. B. Reid, G. R. Patterson, & J. Snyder (Ed.). *Antisocial behavior in children and adolescents:*

- A developmental analysis and model for intervention* (pp. 147-172). Washington, DC: American Psychological Association.
- Rios, K. S. A., & Williams, L. C. A. (2008). Intervenção com famílias como estratégia de prevenção de problemas de comportamento em crianças: uma revisão. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 13(4), 799-806.
- Schrepferman, L., & Snyder, J. (2002). Coercion: The link between treatment mechanisms in behavioral parent training and risk reduction in child antisocial behavior. *Behavior Therapy*, 33, 339-359.
- Ziegler, E., Taussig, C., & Black, K. (1992). Early childhood intervention: A promising preventative for juvenile delinquency. *American Psychologist*, 47(8), 997-1006.